



O Jornal das Senhoras – Tomo I – 20 de junho de 1852 – Edição 25

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00025.pdf

TOMO I. — DOMINGO, 20 DE JUNHO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

LUNDU DAS BEATAS.

Aqui tendes, querida leitora, o suspirado LUNDU DAS BEATAS, esse lundu que entendestes que devia ter apparecido domingo passado, sem vos lembrardes que as *beatas* nunca vos perdoariam uma offensa de tal natureza. Em dia de S. Antonio o *lundu das beatas*! Ora esta!... S. Antonio que foi um patusco de chapa, que brincou e saltou na sua mocidade como qualquer rapaz de olho vivo e pé ligeiro, que logrou e judiou com muita moça de seu tempo, verdade seja, para converte-la, ou reduzi-la ao temor de Deos, S. Antonio, advogado das moças, havia agora entrar de parceria com as beatas, inimigo figadal e serrazina implacavel dos moços e moças, e tudo quanto cheira a moço... Que nos livre Deos de tal barafunda. Hoje sim, tenham as beatas ingresso neste *Jornal*, e appareça o seu lundu com as formalidades e reverencias requeridas.... (esta qualidade de gente é muito cavacuda, é preciso ter com ella todas as attenções) para que a querida leitora o vá desde já estudar, e se não estiver para isso porque ainda está arrufada desde a noite de S. Antonio, damos-lhe de conselho que o empreste á aquella de suas amigas a mais endiabrada e que ao mesmo tempo saiba fingir (oh! gente, que lembrança!) uma carinha muito séria e contricta, com ficções de santarrona, e que finja (ahi vem outra vez!...) quando cantar o lundu, ficar muito zangada, mas com ares de quem está gostando da impertinencia do rapaz que a persegue nas horas de suas orações. Uma tal moça cantará o LUNDU DAS BEATAS conforme o seu autor o escreveu, o

que é mais, executará ao pintar da sanefa as formalidades do character exigido de uma refinada beata, que é o que se quer.

Oh! se vós ouvisseis cantar o *lundu das moças* como o ouvimos na noite mesmo de S. Antonio por uma certa moça.... qual! aquillo não é moça; é um diabinho capaz de tentar os Santos nos seus altares, muito capaz de fazer arder o allemão mais enregelado dos fundos da Allemanha, muitissimo capaz de pôr em desordem a meio mundo! Ora, nós que somos mulher ficamos doida de amores por ella, imaginai o que por lá succedeu entre os homens.... Eu vi velhos e moças em completo desatino! Se me não

engano, de todos o de coração mais molle, mais sensivel, ou mais babão foi um velho commendador, pobre criatura, dava cada suspiro tão repuxado que metia dó e compaixão! Ora, é muito interessante ver um velho apaixonado, sobre tudo se elle engraxa os cabellos.... ah! ah! ah! ah! Que pratinho desfructavel! E então, quando por sua maior desgraça, cae nas mãozinhas de uma judia como aquella, ficão tão amarrotados.... o suor despenha-se em bicas pela testa abaixo, amofinão-se, sevandijão-se, e por fim sua a cabeça, a graxa escorre pelas orelhas, e os cabellos ficão duros como espetos, á modo de horrorisados do que seu dono está praticando!

Nunca ouvi cantar lundus com tanta graça e expressão! Abençoado velho, que não se pôde suste no balanço e apaixonou-se.

E creio que tão cedo não vos darei um outro lundu, porque tenho agora de dar-vos figurinos todos os domingos do mez que vem em diante, e só no ultimo domingo de julho é que poderei offerecer-vos uma brilhante valsa; por tanto aproveitai o presente lundú, e cantai-o como vos eu expliquei que elle deve ser cantado: vereis o effeito que elle produz.

ACHAR MARIDO N'UM OVO.

(Episodio em 1839.)

O que vou referir teve logar, em uma sala onde estavam reunidas algumas senhoras na vespera de S. Antonio, ás onze horas da noite, depois de haverem esperado por muito tempo

os moços da reunião que, sem dó nem piedade, tinham desertado das fileiras do galanteio para irem ouvir Mme. Stoltz no Provisorio.

Estavam ellas em circulo em um dos lados da sala, e já tinham tomado chá; principiavam a chupar os competentes reletes de canna assada.

Uma dellas, moça dos seus vinte e quatro annos e mui espirituosa, encetou uma nova conversação referindo o seguinte caso, ainda com o roletinho na mão.

— Faz annos por este tempo que aconteceu cousa bem singular! D. Gertrudes achou seu marido n'um ovo...!

— Em um ovo!! exclamarão todas as senhoras que se achavam reunidas; em um ovo, só se foi algum pinto!

— Não senhoras; pois era nem mais nem menos o bello e elegante J... que vós bem o conheceis, e tão bom marido como o que desejo para vós todas que estais a rir do principio da minha historia.

— Porém, disserão as mais incrédulas da roda, como é isso possivel, nós não o comprehendemos!

— É porque elle será filho de alguma tartaruga, observou uma maligna ouvinte, de olhos travessos.

— Tartaruga!! repetirão as outras, como será galante um marido tartaruga!

— Não gracegem, disse a historiadora, quando não calo-me. Não admitto apartes, que cortão-me o fio do discurso.

— Pois entre em materia; respondeu uma bella, de vestido côr de rosa escocez, que tomou ares e adamanes de presidente.

— Como dizia, senhora presidente, D. Gertrudes vindo de S. Paulo, onde nasceu, vivia com sua familia no Engenho Velho; era em uma noite de S. João.....

— De S. João Baptista? perguntou uma interruptora.

A ordem! a ordem! chamarão as outras ouvintes; vamos ao tartaruga.

— De S. João, continuou a oradora, e D. Gertrudes ainda não amava....

— Nem as bonecas? perguntou uma distrahida que se entretinha em lêr um jornal.

— Senhora, chamo-vos nominalmente á ordem se interromperdes a oradora, observou a presidente de vestido côr de rosa. *Apoiado! apoiado!* (movimento no auditorio.)

— D. Gertrudes, como ia dizendo, não amava ainda, porém sentia necessidade disso...

— Está visto! disserão varios apartes; e reinou silencio.

— ... O bello J... era visita da casa de D. Gertrudes, e na vespóra de S. João foi convidado para a crepitante fogueira e mais folia dessa noite, que foi toda divertida e cheia de prazeres.

Na ocasião das sortes e habilidades muitas tirarão-se e fizerão-se, extremamente galantes que divertirão a companhia, que não era pequena.

A maliciosa E... amiga de D. Gertrudes, e que já desconfiava de alguma cousa... lembrou-se também fazer uma sorte, e escreveu em um ovo varios signaes cabalisticos com sebo derretido, tendo antes ligado o ovo com uma linha fina para poder suspendel-o dentro de um copo sobre um palito atravessado. Tendo isto

— 198 —

feito, declarou á D. Gertrudes em alta voz que ia botar uma sorte por ella, e que em um ovo, que deixaria ao sereno, amanheceria o nome do seu futuro marido nelle escripto.

Concordarão que sim, que se botasse a sorte, e proseguiu a função até alta madrugada.

Neste comenos E.... escreveu escondidamente o nome de J... entre os signaes cabalisticos do ovo, com o mesmo sebo, e depois o mergulhou em um copo cheio de vinagre deluido.

Sabeis que o acido ataca a casca do ovo que não está cuberta pela camada oleosa; pois bem. No outro dia mui cedinho, antes de todos se levantarem, levantou-se E.... foi buscar o ovo, lavou-o com todo o cuidado com agua sabão e uma escova, para tirar-lhe toda a gordura, e o colocou em outro copo, mas com agua unicamente, no mesmo lugar onde estivera.

Mais tarde forão todas as moças ver o ovo e o que nelle dizia a sorte. Que surpresa que teve D. Gertrudes, que galhofa que lhe fizerão as outras! que de risadas não houverão!

Estava escripto em alto relevo sobre a casca do ovo o nome de J... entre os signaes cabalisticos!

— F.... ora, ora que historia! Pois ovo é marido? Se J... assistiu á fogueira, como estava dentro do ovo! De que tamanho seria esse tal ovo? Observarão algumas das circumstantes.

— Senhoras, á ordem, disse a presidente; oução! oução!

— Nada disso era, minhas senhoras, proseguiu a oradora, J... não estava dentro do ovo, nem o ovo era mais que um brinquedo e um incentivo, que fez D. Gertrudes pensar então em amor, em casamento, e achar que a proposta não era fóra de razão; e.... eu assisti ao seu casamento em outubro de 1839.

— Sempre é marido de ovo. Disserão algumas das ouvintes.

— Nego, redarguiu uma bella menina de vestido azul ferrete que tinha comparecido depois de feita a chamada, nego a proposição. J... é marido como são todos os outros: a sorte os escolhe e nós os preferimos por qualquer circumstancia, ás vezes bem imperceptivel. E se nós nos quizermos servir da frase do vulgo, que chama *um ovo* a qualquer cousa intrincada, o marido é um ovo que nós não sabemos se sahirá gorado!

Não apoiado! apoiado! Sim, sim!

Não, não! ouvia-se de todos os lados.

— Pois minhas senhoras, se entre vós solteiras ha uma só que na noite de S. João, entre a alegria e o folguedo de uma função familiar, no livro de sortes, não tenha tido o desejo de saber quem será o vosso noivo, dê um passo á frente!

Esta intimação, feita com todo o fulgor de um olhar scintillante e nimiamente maligno, fez recuar todo o auditorio, e moça houve que, em logar de dar o passo para diante, recuou e foi parar quasi ao meio da sala...!

A oradora ficou só, e proclamou que estava vencido e decidido, que mais de um marido tem apparecido dentro das sortes da noite de S. João.

Fechou-se a sessão á meia noite em ponto, quando chegarão os rapazes do theatro. Levarão *sabonetes* de todo o tamanho, houverão seus arrufos á **stura: mas nem por isso deixarão de dançar tres quadrilhas e uma schotisch, onde provavelmente fizerão-se as pazes.

É o que tem estes amantes; tão depressa ficão mal, como fazem logo as pazes!

Escolastica P. de L.

CORRESPONDENCIA.

Estimavel redactora. Subjugada pelo ineffavel prazer de ler as vossas producções tomo a liberdade de vos offerecer como testemunho de minha particular estima a seguinte poesia.

São máos versos, porém em compensação constituem uma advinhação bem curiosa, para, se vos approuver, offerecerdes tambem ás vossas assignantes nas vesporas de S. João. Vão divididos em cinco cartões e cada um dos versos principia por uma das letras do vosso nome.

Para fazer a adivinhação é necessario ter sempre os cartões na ordem directa do vosso nome: e uma vez feito isto vós podereis adivinhar mui facilmente qualquer desses versos que outra pessoa á vossa vista escolher em segredo para si.¹

Se tiverdes a bondade de os publicar, estou que elles merecerão acolhimento, acobertados como vão com as letras do vosso nome, cuja repetição nos lembra o prazer que gozamos com a leitura do vosso jornal.

Posto que sobremaneira me honre em dar-vos publico testemunho da consideração e sympathia que vos consagro, rogo-vos que não reveleis o incognito do meu sobrenome.

Sou, &c.

Emilia Constança Ferreira de L.

— 199 —

TRIBUTO DE AFFECTUOSA ESTIMA.

AMIZADE.

Joanna Paula Manso de Noronha.
O mais nobre coração teu peito encerra.
Amizade, virtude, amor, constancia.
Não posso resistir aos teus agrados.
Ninguém mais do que eu cultos te rende.

SYMPATHIA.

A ti consagro, o mais sincero affecto.
Por ti eu nutro terna sympathia.
A teus talentos se curvou Minerva.
Unida a ti, que importa o universo?..
Linguagem sublimada tem teus labios.

AMOR.

Aos dotes que te adornão eu me dedico.
Mais pôde um teu agrado que a vontade.
A teu lado eu contente viveria.
Nunca, de ti jámais hei de esquecer-me.

¹ Vão em separado as explicações convenientes para o uso dos cartões.

Sympathia, constante, carinhosa.

GRATIDÃO.

Orpheo por certo, te emprestou a Lyra.

Derivão-se de ti as graças bellas.

Eu não sei o que sinto.... oh! eu te adoro.

No teu estiio eu libo doce nectar.

O que mais te admiro é a bondade.

FIDELIDADE.

Roubaste-me a razão com tanto encanto...

Os dotes teus, divinos mo captivão.

Não desdenhes affectos de meu peito.

És amiga melhor, melhor esposa.

A ti consagro eterna gratidão.

EXPLICAÇÃO.

Estes cinco cartões já estão encantadamente preparados para uma adivinhação, que vem a ser, poder adivinhar-se qual foi o verso que qualquer pessoa tomou de côr destes cinco versos aqui estabelecidos. Para este fim fazem-se as seguintes perguntas que vão com as respostas para melhor entenderdes.

Perg. Tome de côr um destes 25 versos para si.

Resp. Já tomei.

Perg. Em qual dos cartões está o verso que escolheu?

Resp. No 4.º cartão. (O adivinhador não se esquece do n.º 4 e volta os cartões.)

Perg. Agora procure deste lado onde está o verso que escolheu.

Resp. Já o encontrei.

Perg. Em que cartão está elle?

Resp. Está mesmo no 4.º cartão?

O adivinhador lê então em voz alta o 4.º verso do 4.º cartão, que é necessariamente o que fôra escolhido.

De sorte que o verso que se quer adivinhar corresponde sempre ao numero de qualquer dos primeiros cartões, onde elle foi decorado. Se o verso pertence ao 3.º cartão e do outro lado

está no 5.º cartão, é por consequencia o 3.º verso do 5.º cartão. Se está no 2.º cartão e do outro lado no 3.º, é o 2.º verso do 3.º cartão.

Está explicada a adivinhação; agora guardai segredo.

— 200 —

VERSO DA PAGINA EM FRENTE.

Não posso resistir aos teus agrados.
Unida a ti que importa o universo?..
Nunca de ti já mais hei de esquecer.
Eu não sei o que sinto..... oh! eu te adoro.
A ti consagro eterna gratidão.

Ninguém mais do que eu cultos te rende.
A teus talentos se curvou Minerva.
Mais pôde um teu agrado que a vontade.
No teu estiio, eu libo doce nectar.
Não desdenhes affectos de meu peito.

O mais nobre coração teu peito encerra.
Por ti eu nutro terna sympathia.
Sympathia, constante carinhosa.
O que mais te admiro é a bondade.
Os dotes teus divinos me captivão.

Joanna Paula Manso de Noronha.
A ti consagro, o mais sincero affecto.
Aos dotes que te adornão eu me dedico.
Orpheo por certo te emprestou a Lyra.
Roubast-me a razão, com tanto encanto....

Amizade, virtude amor constancia.
Linguagem sublimada tem teus labios.

A teu lado eu contente viveria.
Derivão-se de ti as graças bellas.
És amiga melhor, melhor esposa.

JORNAL DAS SENHORAS

LUNDUM DAS BEATAS



Poesia de Salomon

Musica de J. da S.^a Ramos.

LUNDUM

Yô-yô-si-nho va se embora queu não gosto de brincar

Yô-yô-si-nho va se embora queu não gosto de brincar

Não venha com seos carinhos minha reza atrapalhar

não venha com seos ca- ri- nhos minha reza atrapalhar

ritard. tempo

Você quer perder minh' alma . vo- cê quer só me enganar

ritard tempo

vo- cê quer perder minh' alma . vo- cê quer só me enga- nar

com o canto

DC

2
 Va-se irabora yôyôsinho,
 Não me venha já attentar,
 As boquinhas que me pede
 Tenha medo de lhe dar.
 O mesmo utrebilho, etc.

3
 Não venha com seos abraços
 Meus amores despertar,
 Guarde tudo para logo,
 Quando acabou de rezar.
 O mesmo utrebilho, etc.

4
 Tenha ~~medo~~ yôyôsinho,
 Basta já de me abraçar;
 Não me de tanta boquinha
 Que me pode atarantar.
 O mesmo utrebilho, etc.

CHRONICA DA SEMANA.

Forte celebrira! Parece que todos de mãos dadas me querem comprometter para comvosco! No domingo passado, em que me devera apresentar a vós, foi o espaço, *que se me abre* nesta folha, occupado com os versos ao *mimoso* Santo Antonio, lembrança essa que eu não posso deixar de applaudir, e que geralmente foi bem aceita, tanto que mandando esta vossa humilde serva (que não é nenhum *peixe podre*) buscar outro numerosinho do periodico para remettel-o a uma sua amiga, não achou um só para *mésinha*, o que prova o que acima vos disse, e mais que a *futrica* desta vez fez filé, pelo que por certo desculpareis a falta que commetti, e que tão cara me custou: o *Santos* não me apparece desde então! Olhem que é um *pé de boi muito birrento*!! Mas, dado este pequeno cavaco, vamos ao que importa. Porém, por onde começarei? Aqui é que são ellas.... Vá porém *pelo principio*.

Nos 15 dias ultimos houverão nesta cidade muitos casamentos, desoito forão elles, e a semana que findou foi tambem farta de foguetes... que não deixarão de encommodar ás pessoas nervosas; a não ser o per contra dos sustos que raspárão, que forão os doces roletesinhos de canna creoula e os mimosos carás, por certo que ás senhoras principalmente, que tanto se assustão com as bombas, havião de praguejar contra os fogueteiros, dos quaes os mais acreditados e barateiros fartárão-se tambem de vender o seu suor, tão bem ganho!

— No Prado Fluminense (mais vale tarde do que nunca) derão-se as corridas, e posto que não houvessem lá muitos *parelheiros*, comtudo os

— 201 —

poucos ginetes que entrarão em liça agradárão, e os carros á romana merecerão tambem as honras de favoravel acolhimento das pessoas que estavam presentes! Creio que pegão as bichas! A concurrencia não foi grande, o que não havia de agradar aos que lá forão especular vendendo agua.... assucarada.... por capilé!...

— A attenção publica esteve preocupada com os nossos theatros, quer lyrico, quer dramatico. A estréa da Sra. Rosina Stoltz, que teve logar de feito na noite de 12 com a *Favorita*, absorvia o pensamento de quasi todas as pessoas..... e força é confessar que a Sra. Stoltz não *bigodeou* os dilettanti, porque mereceu os applausos que lhe forão dados na supradita noite, e repetidos na de terça-feira passada. O Sr. João Caetano, lá no seu acanhado theatro de S. Januario, continua a apresentar ao publico dramas de alto merecimento. Na noite de 5 representou-se o intitulado — Marianna ou a Vivandeira, em beneficio de uma liberdade,

e após este repetiu-se os — Dous Renegados, que ainda foi melhor desempenhado desta vez do que da outra. Cabe por certo aqui estigmatizar o má costume, já tantas vezes por mim censurado, de certas famílias que levão para o theatro meninos de mama! que de vez em quando soltão altos guinchos que azoïnão os ouvidos de quem presta toda a sua attenção ao drama, para o que paga os competentes cobres. A conducta dessas famílias correes parellhas com o costume de certos *petit-maitres* que vão para o theatro lyrico encommodar a quem lhes fica ao pé, resmungando a aria que lá na scena se está cantando. O meu doutor, que é homem lido em todas as materias, contou-me ha tempos uma anecdota a este respeito que vou transmittir-vos, porque não deixa de ter applicação ao caso, e bastante sal. Ouvi-me. — O Sr. ... (o nome não vem ao caso) dilettanti de bom gosto, assistia no theatro *** em ** á representação de uma opera em que uma *prima-dona absoluta* cantava uma aria de muita força. Defronte do *apreciador*, homem já idoso, veio sentar-se um pintalegrete, que logo que ouviu os primeiros preludios da aria cantada pela prima-dona, poz-se a repetil-a por entre dentes, ao que o nosso pachorrento dilettanti disse — *Che bestia!*... O casquilho, ouvindo estas palavras, voltou-se promptamente e perguntou ao nosso homem se ellas se referião a elle. — Não, senhor; respondeu elle, nada.... chamei *bestia* a aquella senhora (e apontou para a cantora) que me não deixa apreciar-vos como mereceis. — O pintalegrete então, ou porque não entendesse a indirecta, ou porque a achasse bem cabida, metteu a viola no sacco, e dahi ha pouco safou-se do logar.

— Chegou para o soberbo theatro de S. Pedro, que vai elegante renascendo das suas cinzas — o seu magnifico lustre, que tem trezentas luzes, e é de gaz.

— E esta! Ia-me esquecendo de fallar no sempre alegre dia e vespera de S. Antonio, de tanta minha devoção...; Vamos a isto sem mais demora antes que me appareção mais pedidos e recommendações, que desta vez puzerão-me em papos de aranha.

Ha bem annos não é o milagroso Santo tão geralmente festejado nesta côrte como foi desta vez! Poucas forão as ruas da cidade que não tiverão sua fogueiras e sua função mais ou menos historiada; ruas houverão por onde as moças não podião transitar, pela grande quantidade de fogueiras mal alinhadas que as guarnecião, e em outras, pelo bombardeamento de foguetes de todas as especies, que de certa hora em diante constantemente se cruzavão com endiabrado *zig-zag* ou tremendos estouros, capazes de espantar o mais sendeiro burrego!

A cidade e seus arrebaldes resplandecião ao clarão das fogueiras e ao estrondo da folia! Todos os que podião brincar, divertirão-se á grande. Funções não faltarão de todos os lotes e tamanhos alturas e larguras; e os convites chovião de todas as partes! Só não passou a noite alegre de S. Antonio quem esteve em peccado mofento. Cruz, tinhoso!

Cá por mim, estive na vespera na magnifica habitação provisoria do Sr. commendador Costa Ferreira, no Cattete, onde este Sr. deu ás familias de sua amizade e aos seus amigos uma das mais agradaveis *soirées* que tenho assistido. Estive em um Céu de delicias. O luxo e a profusão dos serviços, o circulo de bellezas com tanta felicidade reunidas n'aquelle magico salão, a par da constante alegria, maneiras urbanas e delicadas do Sr. Costa Ferreira, sua esposa e sua presada mãe, derão aos seus convidados uma noite de encantos e um contentamento geral. Trinta e seis senhoras, ou antes, trinta e seis mimosas flores formavão a preciosa grinalda que enfeitava essa especial reunião, cujo fundo compunha-se de quarenta cavalheiros, jovens, alegres e espirituosos. Que olhos seductores que eu lá vi em mais de uma dessas feiticeiras meninas... oh! se eu fosse homem.... quantos olhos assim eu visse, nenhum delles me escapava, que os não adorasse. Por muito tempo me lembrarei agradavelmente desta tão interessante *soirée*.

— Na noite seguinte o Sr. Antonio José Domingues Ferreira festejou o dia de Santo Antonio recebendo na sua linda casa em S. Christovão uma escolhida companhia, a quem offereceu, com o cavalherismo, urbanidade e bom gosto, que o caracterisão, um completo e rico serviço que finalisou por uma esplendida ceia do mais apurado gosto culinario, segundo me affirmou certa pessoa que de tudo deu fé, e que em tal assumpto tem voto muito respeitavel. Dançou-se muito, duas interessantes meninas cantarão com muitos applausos, e até vierão á baila os lundus que me fizerão rir a mais não poder. Foi uma noite bem passada.

Não me posso esquecer porém das maneiras angelicas das duas queridas filhas do Sr. Ferreira, captivárão a toda companhia, e nenhuma de nós de lá se retirou que não trouxesse vivas sympathias pelas dignas filhas de tão excellentes paes.

— Outra brilhante reunião teve logar nessa mesma noite na casa do Sr. commendador Antonio Luiz Fernandes Pinto no campo de S.

— 202 —

Christovão: ahi concorrerão para mais de sessenta convidados de ambos os sexos.

Muitas pessoas de illustração e representação abrilhantavão esse concurso, ainda mais brilhante pela concurrencia de muitas bellezas que forão festejar os annos do Sr. commendador. — Cantarão admiravelmente as senhoras D. Francisca Puga, D. Thereza Fascioli e D. Delfina de Vasconcellos; os duettos do 2.º acto da Norma, o dos Capulettos, o do Pirata em que tambem executou o Sr. Rufino, e finalmente o bello terceto da Norma, nos

fizerão lembrar das noites em que no theatro de S. Pedro fomos arrebatados pelas inspirações do immortal Bellini.

— Vai ter logar na capital da Provincia um baile em honra, dos altos feitos do exercito brasileiro e armada nos campos de Moron e Passo do Tonelero, consta que SS. MM. II. o honrarão com suas augustas presenças. Consignando agora simplesmente este facto, direi algumas palavras no numero seguinte, e publicarei então o programma. Por ora pois limito-me a convidar os amadores, para que concorram com as suas cotisações no escriptorio do Sr. Ireneo, rua Direita n. 63, aonde poderão procurar os respectivos cartões em tempo competente.

E adeus, minhas amigas; tenho feito desta vez uma chronica monstro, não me demorarei mais.

Um beijinho nos pequenos.....

Adeus, minhas encommendas! Chegou neste momento a seguinte correspondencia a respeito do theatro de S. Francisco: tambem não posso faltar a quem m'a remetteu. Eil-a:

Estimada D. Bellona. — Com quanto quizestes-vos encarregar unicamente da chronica semanal por esta vez tereis a bondade de inserir na vossa caderneta (como diz o Santos) estas linhas como testemunho de sympathia, que todo o escriptor deve aos artistas que se lhe tornão merecedores della.

Domingo passado, enquanto o respeitavel publico colectivo se divertia queimando rodas, atirando ao ar foguetes e semeando busca-pés pelas calçadas em risco de incendiarem uma criatura; enquanto que dos sobrados jogavão bombas á rua e lagrimas de pistolas, multidão innocente de projectis inoffensivos, e que das vendas e casas baixas atirão foguetes tambem á cara das bestas, dos carros, carrinhos e carroças, etc., etc.; eu dirigia-me, não sem alguma inquietação, entre o tumulto do bombardeamento innocente, para o theatro de S. Francisco.

Representava-se nessa noite — A Duqueza de Marsan.

É um lindo drama, de alta sociedade; sua linguagem é bem escolhida, e ás vezes achamos muito bellos pensamentos. Os lances dramaticos abundão; o assumpto é interessante, bem desenvolvido, e o drama no seu todo agradou-nos summamente.

Fallemos agora da sua execução.

A Sra. D. Gabriella, com as suas maneiras de bom-tom, seu *chique* de salão, sua dicção pura e sua feliz physionomia que possui o jogo que tanto distingue a actriz de merecimento, era uma completa duqueza. — No prologo, nobre moça, cheia de paixão e inquieta; annos mais tarde, pobre mulher macerada, mãe extremosa que treme pelos seres

queridos de seu coração! D. Gabriella é mãe — nada pois fazia, nada dizia, que o seu coração não sentisse — essa extrema naturalidade é de muito bom gosto. O drama, não é mais do que a vida em acção.

A Sra. Orsat Mendes — no seu papel de Gaston estava muito interessante. — Seu bello e pallido rosto exprimia perfeitamente a magoa da posição excepcional do filho do mysterio e da desgraça.

A menina Julia — Henrique na peça — promette muito: seu andar na scena era desembaraçado, natural; e na verdade ella tem bellas disposições, que bem desenvolvidas promettem para o futuro uma actriz de merecimento.

Da parte masculina da companhia, limitar-nos-hemos a dizer que todos tiveram seus momentos felizes.

Seguiu-se depois do drama — o duetto do Meirinho e a Pobre — pelo Sr. José Candido e a Sr.^a Digiovanni.

O nosso publico ainda se não cansou de ouvir os duettos e fazel-os repetir. E eu, querida Bellona, sou absolutamente do partido do publico, gosto dos duettos, dos lundus, e rio-me até mais não poder!

Finalisou o espectaculo a nova peça — Maricota ou os defeitos de sua educação. — Gostamos muito da Sr.^a Veluti, mas... não sympathisamos com o autor da peça — *hypocrisia não é educação*.

Rusticidade não é virtude.

Concluirei dizendo-vos que para os recursos tão limitados de que póde dispôr o Sr. Florindo,

— 203—

elle faz quasi um milagre em pôr em scena dramas como o da Duqueza de Marsan.

17 de Junho.

J. P.

Bellona.

RECTIFICAÇÃO.

Na supplica feita a Santo Antonio em o nosso n.º 24 em logar do 5.º verso da 1.^a decima

Eu te prometto um bom amante

Deve-se ler

Eu te prometto um bom manto.

Em logar do 3.º verso da 2.ª decima

Para mim nada quero

Deve-se ler

Para mim eu nada quero.

MISTERIOS DEL PLATA. (²)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade.

A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel luta.

MICHELET, Historia de França.

A RECOLETA.

Para descançar do aborrecimento que nos causa a perpetua orgia das ruas, e nos subtrahirmos ás suas scenas infernaes, para não ouvir os berros dos carrascos nem os queixumes das victimas, encaminhemos os nossos passos ao campo do silencio e do esquecimento, que guarda o pó dos que *forão*?

Agora que o inverno esparge suas tintas sombrias sobre a vegetação, agora que na tarde serena e fria, ouve-se apenas a brisa que geme solitaria por entre a secca ramagem das arvores.... uma tristeza suave e mysteriosa parece desdobrar um pardo manto por sobre os objectos que nos rodeião!

Afastemo-nos d'ssas ruas apinhadas de populaça sediciosa... eis a rua larga da *Recoleta*... segui-me leitor... ouvis como se esvaece aqui o echo furibundo das abjectas paixões que se combatem lá em cima?!... olhai, no fim da rua que percorremos, para aquella grande grade de ferro!... é a porta do cemiterio... empurrai-a.

Entremos.

Eis uma cidade.... aqui ha tambem milhares de moradores.... quereis comprehender a sua linguagem?

Estudai-a como a estudei, eu sentada, largas horas á borda dos tumulos....

² Vide o n. 24

Em pé, no meio de suas ruas silenciosas.... onde o echo da voz humana resoa como uma profanação....

Onde a brisa murmura um canto funebre por entre a ramagem do cipreste....

Onde os passaros não ousão cantar...

Onde as flores tem um cheiro particular!

Quanta historia curiosa a estudar no fundo d'essas tumbas! quantas connexões entre os vivos e os mortos!

Nada tão suavemente religioso e poetico, como o cemiterio da *Recoleta*.... colocado á margem do *Plata*, jardim em outro tempo do abandonado mosteiro da *Recoleta*, a cruz, que se eleva sobre a alta torre da Igreja, tem os seus braços sempre erguidos e abertos, parecendo prometter a quem a contempla, uma outra vida alem do limiar do tumulo!

A cruz, como o mysterio do destino humano, encerra em si mesma alguma cousa que sentimos sem poder explicar... mas que derrama em o nosso coração uma suave luz de esperança, no meio das trevas que nos rodeião e que reflectem ante os nossos olhos.

O desencanto!

É então que olhando para a cruz dizemos.

Talvez!

Mas, silencio sobre os mysterios que a mente humana jamais poderá decifrar...!

Vinde; percorramos essas ruas bordadas de arbustos que o inverno despojou.... vede que ricos tumulos nos cercão, e ao pé da modesta cruz do pobre!.... é a ultima demonstração da vaidade humana que luta sempre contra a igualdade!

Eis a humanidade!

Os homens todos nascem iguaes — é a vontade de Deus!

— 204 —

É o mesmo vagido ao nascer — a mesma fragilidade, os mesmos soffrimentos da mãe e do filho!...

Deixai-os percorrer a estrada da vida. — O fim será igual!

A mesma agonia... as mesmas dôres...

Depois debaixo da terra.

A igualdade!

Para o verme roedor não ha distancias sociaes... o elemento eterno criativo absorve todas as substancias que a morte lhe envia, sem dividil-as em classes!

A luz do sol se esvaece o crepusculo se aproxima, mensageiro da noite...

O sino toca — Ave Maria. Um homem penetra no cemiterio.

Seu andar é pausado... Olha para uma e outra banda... conhece ali tanta gente! Parentes, amigos companheiros de armas! Mas, ninguem sem sauda-lo, nenhuma voz amiga o chama, mão alguma vem pousar sobre seu dilacerado coração!...

O homem que seguimos pára defronte de um tumulo de marmore preto, que em letras douradas contém a data de um dia e anno..... Nada mais.

Aquelle homem é Rojas, que vem todos os dias ali alimentar seus pesares... Elle ali fica, mudo como os tumulos, pallido e desbotado o rosto, o olhar apagado e fixo! Pobre alma que renunciou a esperança! que chora sem consolação!

O sino vibra sempre, a brisa murmura. Algum insecto escondido na escassa relva chia. O perilampo começa a voar, opponendo sua luz phosphorescente á moribunda luz do crepusculo.

Dois homens empurrão a grade do cemiterio e penetrão no seu recinto.

— Descansemos aqui, até fechar a noite; diz o mais ancião das novas personagens ao seu companheiro. —

E ambos começam a passear pelas ruas do cemiterio.... A casualidade reúne os tres individuos ao pé do tumulo preto.

Rojas olha para ambos.

O mais alto, era um moço, de rosto altivo e triste, de feições varonis e expressivas, seu todo é tão distincto, que não pôde passar desapercibido... o seu companheiro era um velho de cabellos brancos como a neve, de côr morena, de perfil severo — Rojas contempla este ultimo por mais tempo; depois, como fatigado, torna a deixar cahir a sua cabeça sobre o peito.

Pelo contrario o velho o examina attentamente, e depois de breve espaço exclama.

— Enganar-me-hão as minhas lembranças, ou sois vós o coronel Rojas?

Rojas volta o rosto lentamente, torna a examinar o velho, depois responde como um homem, cujo coração senão está morto, pelo menos acha-se muito angustiado pelas emoções.

— Tu és o meu velho companheiro de armas — o lanceiro Simão!

— Ah! meu coronel!... lá vão dezeseis annos que não nos viamos

— Porque casualidade estás tu aqui? disse Rojas: este moço será teu filho?

— É meu filho adoptivo, meu coronel... sabeis porque estou aqui? porque sou perseguido lá no campo, e venho á cidade a fim de ver se podemos salvar um homem... o Dr. Alsina!

— Pois forão voces os que....

— Sabeis isso meu coronel?

— A Sra. de Alsina contou-me tudo, mas ignorava os vossos nomes.

— Temos jurado salvar o preso; respondeu Miguel com a sua voz breve e decidida.

— Salval-o? será deficit!

— Assim tinha-o eu pensado; disse Simão com tudo as dificuldades podem vencer-se á custa de sacrificios....

— Vinde comigo, reuniremos os nossos esforços; não ha que perder a esperança.

A lua apparecia então no firmamento azul, e sua luz frouxa e serena illuminava a lugubre cidade.

Os tres homens afastárão-se, a porta fechou-se atraz delles, e o silencio da noite tornou a succeder.

CORTEJO TRIUMPHAL.

Se os dramas sociaes dos povos do *Plata* não estivessem tão intimamente ligados aos dramas politicos; se os delirios dessa plebe estúpida não fossem as tristes origens de tantas scenas lugubres e sanguinolentas; nós abandonaríamos ao esquecimento e ao desprezo essas orgias freneticas da populaça dos nossos paizes, que figurão perante o mundo civilisado com o enganoso, quanto injusto, nome de povo argentino.

Disse-se á distancia, e Rosas o tem repetido nos seus jornaes assalariados a *Gaceta* e o *British Packet*. O povo mata, o povo castiga, o povo odeia os estrangeiros.... e por fim dizem as nações estrangeiras — o povo adora o general Rosas!

Por ventura uma fracção, a mais bruta da nação, composta de homens cheios de vicios, estúpidos, sanguinarios e ignorantes, poderá nunca representar a nacionalidade de um paiz? Não!

O povo argentino, como todos os povos da terra, só póde e deve ser representado pelos seus circulos illustrados, pelos seus homens eminentes e não por uma banda de facinorosos semelhante á sociedade — Mashorca!

Se este romance chegar a publicar-se, como nós o escrevemos para os estrangeiros e para nossas proprias sociedades futuras, por isso vencendo a nossa repugnancia, emquanto que as personagens desta historia se entregão, cada um aos seus pesares, nós vamos dar um rapido lançar de olhos ao drama das ruas.

Tratamos do programma da solemnidade com que devia celebrar-se a captura do Dr. Alsina. Eis o esboço desta nova mascarada no estylo da procissão dos — Corta-Suissas. Como a discordancia das datas, e a distancia

— 205 —

dos acontecimentos, nunca foi obstaculo aos absurdos de Rosas e da sua Mashorca, comquanto Alsina chegasse em abril, é o dia 25 de maio, anniversario da revolução de 1810, o escolhido para a grande solemnidade.

Era tocante a cerimonia de religião patria que convocava em outras épocas o povo a reunir-se na grande praça da Victoria, para esperar o primeiro raio de sol que luzia no horizonte.... havia nessa adoração do sol, que illuminou o dia feliz da nossa independencia, como que uma vaga semelhança ao culto de nossos avós os indigenas — a adoração do Inca!

Perdoai, leitores, é uma lembrança de infancia!... Além do povo, dos regimentos, das musicas e das pessoas gradas que ali se reúnão, havia tambem uma multidão de meninas de ambos os sexos.... os chamados orphãos da patria, outros pobres que recebem a educação gratuita, e depois os abastados e filhos de proletarios! e quando o primeiro vislumbre de sol apparecia, era o canto unisono desse enxame de crianças a primeira saudação do dia 25 de maio.... e o echo desse canto infantil, discorde talvez, porém sincero, tinha em si alguma cousa tão tocante que não podemos explicar!...

Na época de Rosas tudo mudou! Existe dia, como os antecedentes dos annos da dictadura, depois das salvas e repiques do costume, começa a dança dos pretos!

Ao meio dia, todos os corpos da guarnição da Praça reunirão-se na praça da Victoria — é dali que parte o cortejo. Vejamos.

Marcha na frente a musica, segue um carro imperial ornado de velludo vermelho, enfeitado de ouro; sobre um estrado, dentro do carro e debaixo de rico docel de brocado de ouro, vem o retrato do general Rosas. Quatro senhoras notaveis, vestidas de vermelho, vão adiante puxando o carro!

Se as minhas nobres e corajosas patrias não tivessem sido as primeiras victimas dessa populaça feroz, que violava a santidade do lar domestico, e açoitava indefensas mulheres, se ellas com esse espirito que é todo seu, e que tanto as distingue no continente americano, não tivessem lutado melhor do que os mesmos homens, oppondo sempre inabalavel constancia aos ataques de Rosas, salvando as vidas dos seus pais, irmãos, maridos e amantes, á custa da propria vida, e com um denodo sem igual; diriamos que o acto de puxar o carro do retrato,

executado também por argentinas, era uma nodosa de affronta sobre o nosso nome.... Mas não, as excepções são feitas para justificar as regras geraes, e ha uma que colloca as argentinas ao nivel das mulheres da America do Sul, de mais graças, virtudes e espirituoso patriotismo.

Ao carro do retrato seguia o primeiro terço da Mashorca levando á sua frente a Salomone e Cuitinho, a quem os bigodes metamorphoseavam horivelmente.

Seguia immediatamente a sege do governador com os *dous loucos* dentro.

Rignão ia no logar de honra, mais sujo e zangado que do costume, porque desde manhã cedo tinha sido atormentado sem tregua; tinha um chapéo armado de papel pardo com plumas de avestruz e uma espada de páo ao lado.

O padre leigo com a cara toda enfarruscada, com pinturas de vermelhão, trazia um rosario de batatas inglezas ao pescoço, com uma cruz de papelão no fim.

O segundo terço da Mashorca, commandado por Parras e Julião Fabre seguia depois da sege, e a retaguarda, como sempre, compunha-se da populaça de todas as côres, rota, suja e grotesca, que grita, apedreja, e dispara foguetes em todas as direcções.

O primeiro passo do cortejo é dirigir-se á igreja da Sé.

Ali nova surpresa nos espera.... O cura e diaconos da igreja sahem á porta do templo, o retrato é tirado do carro e depois carregado por dous sacerdotes, debaixo de palio e incensado na frente, entra na igreja catholica para ser collocado sobre o altar-mór, de encontro ao lugar da imagem Divina de Jesus!.... Profanação! vilipendio!

Facto indecoroso e sacrilego, desgraçadamente tão certo, e que nós, cheios de horror, consignamos nas paginas deste romance, para lembrança da época do barbaro dictador!

Todas as igrejas forão assim successivamente visitadas, e todas aceitarão tal prostituição e sacrilegio!...

O clero catholico firmára nesse dia nefando a sua ruina, se os jesuitas, com essa força de espirito calculista que os distingue, e sua irrecusavel sagacidade, não resolvessem sustentar a dignidade da igreja romana, expondo antes as vidas e abjurando seus proprios interesses para salvar o clero catholico apostolico romano.

Fiel ao seu systema de hypocrisia e retrogradação, no tempo da emigração dos frades, cujo predominio quebrava a Hespanha depois de tres seculos de escravidão, Rosas declarou-se o protector dos frades, restaurou os conventos que a Republica os abrira tão liberalmente, e suppondo verificar uma alliança offensiva e defensiva, Rosas chamou os jesuitas, deu-lhes o collegio, e encarregou-lhes a educação da mocidade.... porém os jesuitas, aceitando os beneficios do tyranno, conservarão a independencia da ordem.

O dia da luta chegára. O cortejo dirige-se á igreja denominada o Collegio, residencia dos jesuitas, cujo principal era naquelle tempo D. Marianno Verdugo, moço de profundos conhecimentos, dotado de grande força de espirito e de um character elevado e austero.

O cortejo avançava pois, e em pouco tempo chegou ao atrio do convento.

As portas da igreja fechadas, o exterior mudo e solemne do templo impunha involuntario respeito.

No meio do atrio, porém, havia um moço sacerdote que com a cabeça descoberta, os braços cruzados sobre o peito, o olhar sereno e magestoso esperava a aproximação do cortejo.

Era bella e nobre aquella joven cabeça, cheia de intelligencia e de sublime coragem, e que só se erguia contra a borrasca revolucionaria que vinha derribar a imagem do salvador e collocar em seu lugar a imagem sacrilega do tyranno!

— 206 —

Os heróes do cortejo ficarão pasmados, um cuchicheo geral seguiu-se, e tudo ficou parado — depois de alguns momentos de indecisão uma voz se elevou da multidão.

— Abra-se a igreja para receber o retrato do Restaurador!

A populaça responde em alaridos freneticos.

D. Marianno Verdugo espera que o furacão acalme, e então caminha corajoso até o limiar do atrio e com voz varonil, porém sonora e clara disse:

— Meus filhos.... como principal e como interprete dos sentimentos da companhia de Jesus, tenho a dizer-vos que somos os primeiros a reconhecer as qualidades eminentes de S. Ex. o Sr. governador, que agradecemos os seus innumeros beneficios que tem dispensado á nossa ordem, porém, pelo que respeita a abrir as portas da igreja a uma multidão que só pronuncia palavras de exterminio, e que repetil-as-hia no templo do Senhor!... collocar no altar da Divindade a imagem sacrilega de um homem!... isso jamais consentirá a companhia de Jesus!... Arrastaremos resignados o martyrio, mas desenganai-vos — a nossa igreja só se abre á oração dos fieis.... nos altares do nosso templo só se adora a imagem do Salvador!

Isto dito, D. Marianno Verdugo faz uma profunda cortezia e vira as costas ao cortejo, entrando no convento por uma pequena porta lateral.

Silencio profundo succede á falta do joven jesuita... depois um grito furibundo semelhante ao mugido do tigre se levanta.

— Morrão os selvagens unitarios! É o primeiro impeto da sua raiva.... os miseraveis!

Como momentanea vingança, redobram os foguetes, os gritos, a confusão e a musica, e dirigem-se em retirada a dar parte do ocorrido ao governador!

Entretanto, Rignão dizia dentro da sege:

— Bem feito! gosto disso!

E o padre leigo, mastigando uma batata crua, acrescentava:

É necessario que eu falle nisto ao nosso bispo, para mandar soprar estes frades; pois elles não virão de casaca? Os selvagens unitarios!

UM AMIGO FIEL.

Ha cinco mezes decorridos já, desde o dia terrivel em que o sacrilegio e o fanatismo collocarão a imagem do general Rosas no altar consagrado á Divindade.

Cinco mezes que Miguel e Simão, perseguidos por toda a parte, são hospedes do coronel Rojas; comtudo permanecem firmes no seu proposito de salvar o prisioneiro do Ponton.

A familia do ex-conselheiro continúa morando na quinta do bairro de Monserrat entregue aos seus pesares.... A Sra. de Alsina com especialidade, é apenas uma sombra de si mesma.... Seu pai, por amor della, insta com Rosas para saber do destino de seu genro, ou pelo menos suavizar o seu doloroso estado.... Rosas é inflexivel!

A dôr se apodera de todos os corações affeioados ao misero Alsina!

A familia e os amigos celebrão um conselho intimo, e cada qual propõe os meios que julga conducente para salvar a victima.... D. Antonia recusa tudo. Nada aceita, nada consente que se intente para o fim que ella mesma tão ardentemente deseja.... Naquelle coração nobre e corajoso ao mesmo tempo combatia o amor que a impellia a salvar seu esposo, e o temor de comprometter a existencia dos seus parentes e dos seus amigos.

Todos a julgão resignada e esperão o desfecho da guerra de Montevidéo;³ mas a Sra. de Alsina, pelo contrario, temia esse desfecho, porque conhecendo melhor do que os seus amigos os negocios da Banda Oriental do Plata, sabia que Oribe seria vencido, e que seu marido estava reservado para ser uma das victimas expiatorias da colera do tyranno! Ella tem concebido um projecto atrevido, porém quasi infallivel. Necessita para o effeito de um homem, mas um homem estranho, que não arraste comprometimento algum, e no qual ella possa confiar-se sem temor.

³ Devemos lembrar aos leitores que esta guerra foi a de Rivera contra Oribe, sendo este ainda presidente em 1837.

Depois que a Sra. de Alsina recusa os offerecimentos da sua familia e dos seus amigos, Simão quer retirar-se da cidade, mais de uma vez já disse elle ao seu joven companheiro.

— Meu filho, vamos embora! Não somos necessarios aqui, retornemos ao deserto.

A estas palavras do velho, Miguel nada respondia; levantava seu olhar repassado de dôr e desesperação, depois tornava a abaixar a cabeça, cruzava os braços, e era tudo!

Pobre Miguel! quanto estava desfigurado! que livida pallidez lhe cobria o emagrecido rosto.... um circulo roxo marcava seus olhos.... seus olhos, que sós revelavão a vida naquelle rosto macerado e adoentado!

Assim devia de succeder.... Ao pé de Emirena, Miguel não podia ficar indifferente! Seu coração virgem e inexperto, succumbiu ignorando-se a si mesmo.... Comtudo, observador silencioso, elle desde o principio comprehendeu a relação que existia entre Ramon e Emirena; seus desesperados ciumes forão os primeiros que lhe advertirão dos seus proprios sentimentos.... então travou-se no fundo daquela alma energica, agreste e ardente, uma luta sem repouso que em breve prostrou as forças phisicas e moraes do desgraçado. Então não lutou, mas abandona-se sem mais resistencia, devorando o martyrio que o consumia e que em breve infeccionou o seu sangue escandecido!

O velho Simão adivinhára tudo o que se passava no coração de Miguel, mas esmorecia-lhe a coragem e calava tambem!...

Emquanto as personagens do nosso romance

— 207 —

conservão-se nestas differentes situações, o prologo da revolução que commovia a sociedade da Banda Oriental do Plata, e que mais tarde devia despedaçal-a, o prologo dessa terrivel revolução terminava em Montevidéo com a demissão espontanea do presidente Oribe, que dizia nesses momentos supremos —Não quero mandar á custa do sangue de meus concidadãos.— O general Rivera entrava para occupar a cadeira presidencial!

Os emigrados argentinos, que o ajudárão a derrubar o seu rival, reclamavão as promessas que se lhes fizera, a generosa Corrientes, tendo á frente o malogrado Beron de Astrada, as mal subordinadas provincias do litoral Argentino estremecião todas, uma commoção electrica agitava a suas sociedades, por toda a parte erguia a voz poderosa uma mocidade ardente e generosa. Os agentes francezes, os Srs. Le Blanc e Martigny tambem estreitavão cada dia mais o governador de Buenos-Ayres, a tempestade formava-se, e o

tyranno em vingança fazia que a Mashorca redobrasse a insolencia e principiasse seus ferozes attentados.

Oribe chegou a Buenos-Ayres. O perigo de Alsina e de todos os povos politicos nas mãos de Rosas era imminente; para elles não havia hora segura.

A nossa heroína estava no mais cruel estado de inquietação e soffrimento, para ella não havia um só minuto de repouso, passava as noites em claro, não chorava, porém a febre a devorava.... sua familia, seus amigos instavão generosamente e a desventurada lutava entre seu amor de esposa e seus deveres de filha, de irmã, de amiga....

Uma noite, encostada em cima das janellas que deitão para o campo, através da escuridão parece-lhe distinguir um cadafalso, depois vê subir um homem, esse homem era alto e de porte nobre, porém sua cabeça rola a um golpe de machado, e essa cabeça vira-se para o lado onde ella está e parece mormurar algumas palavras.... D. Antonia crê reconhecer a cabeça de seu marido! ella dá um grito e cobre os olhos com as mãos.... A desgraçada entregue a um delirio passageiro, sonhava acordada e não reparára em um individuo que havia tempo rondava por ali e que naquelle momento chegando-se á janella dizia-lhe

— Estais só, senhora?

A Sra. de Alsina estremece, o seu primeiro movimento é fugir, porém o som daquella voz traz-lhe a lembrança alguém que ella desejára encontrar, e retornando á janella pôde ver o rosto do individuo, mas a crise porque acaba de passar ainda lhe perturba a razão:

— Quem sois! o que me quereis? perguntou D. Antonia.

— Já me não reconheceis, senhora! Sou Lostardo.

— Lostardo!... Ah! que vindes fazer?!

— Podeis duvidal-o, senhora? Fui atraído, ferido, e longo tempo lutei entre a vida e a morte.... enfim, eu sou moço e robusto.... fiquei bom.... meus marinheiros voltarão a Montevideo, a *Francesca di Rimini* foi vendida, em seu lugar comprei uma balieira para navegar pela costa, a *Joven Italia*, é veloz como o vento mesmo. Sabeis, senhora, qual foi meu primeiro passo? Buscar o infame que por um punhado de ouro, vendeu a cabeça do vosso marido, de meu bemfeitor... encontrei-o e o....

— Que lhe fizestes?

— O que se faz aos cães enraivecidos, matei-o!

— Céos!

— O meu segundo passo foi procurar-vos, acho-vos; agora, senhora, aqui estou, eu e meu companheiro Piero, mais oito bravos marujos que já conheceis porque vos livrarão de

morrer affogada no Paraná, e além disto tudo, a minha balieira *La Gioven Italia*, estamos ás vossas ordens. A nossa devise é salvar vosso marido ou morrer!

A Sra. de Alsina parece-lhe sonhar! A emoção não a deixa pronunciar uma palavra, depois a alegria, o sobresalto, tudo concorre a perturba-la. Ouvi, disse ella a Lostardo.

— Não convém que ninguem nesta casa saiba da nossa entrevista, afastae-vos... e marcae um logar onde possa fallar-vos sem temor de sermos vendidos.

— Pois bem, vinde á casa de minha mãe, é uma boa mulher que se atiraria ao fogo por mim e pelos meus amigos.

— Onde é?

— Mais abaixo da esquina de Sotoca para o rio.

— Então até amanhã á noite.

— Mas, senhora, é tão longe...

— Nada temo! Nada temais! Agora o que é necessario é não perder um minuto! Adeus.

Continua.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundu ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e padrões de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro — Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.